

Mocidade Cristã

Ano XV

Abril a Junho de 1953

Número 59

Keswick

Poucos leitores sabem o que quer dizer «KESWICK» e poucos podem pronunciar a palavra. Em português é «Késik». É o nome duma pequena cidade da Inglaterra, cercada de montanhas, à beira dum bonito lago. Mas está tão associada com as conferências cristãs que se realizam ali todos os anos, que Keswick se tornou sinônimo de convenção para ministério da Palavra de Deus aos crentes. No ano de 1875 o vigário da igreja anglicana, nessa cidade, o qual era evangélico, convidou outros pastores e crentes para uma convenção cujo tema era «aprofundar a vida cristã». É uma semana de conferências todos os anos. Os crentes de outras partes do mundo também arranjam «Keswicks». A Convenção de Keswick realiza-se durante o mês de Julho, num pavilhão que comporta 4.000 pessoas, e há um outro onde cabem 2 ou 3 mil pessoas. No ano passado assistiram à convenção 6.000 pessoas. Vêm sempre uns quinhentos missionários de todos os campos do mundo. Os oradores são de todas as denominações: da igreja anglicana, da presbiteriana, da batista, da congregacional, etc., inclusive pregadores americanos e, às vezes, de países estrangeiros. Alguns nomes são já conhecidos dos nossos leitores, tais como o de Dr. Graham Scroggie, Reginald Wallis, George Goodman, cujos escritos têm sido publicados pela Casa Editôra Evangélica. São todos *fundamentalistas*, crentes na inspiração da Palavra de Deus. Certa ocasião, há 32 anos, lembramo-nos bem, um orador, pouco conhecido,

introduziu em seu discurso, algum modernismo. NUNCA MAIS! Poucas pessoas ficavam no pavilhão quando completou seu discurso. Ele foi repreendido, depois, pelo Concílio e «despachado». Foi uma tentativa do Inimigo que, felizmente, fracassou. O homem era chefe dum seminário para treinar ministros para a Igreja anglicana!

Durante a semana da Convenção há uma reunião missionária, e representantes de todas as partes do mundo dão relatórios do trabalho que eles representam. Há uma reunião de evangelização que é «irradiada». Há outra para celebrar a Santa Ceia. Antes desta reunião, as senhoras são avisadas que devem assistir com a cabeça coberta, com chapéu (ou véu), segundo as Escrituras. Neste número e em números futuros fazemos referências à Convenção de Keswick.

Avivamento

Há diversos jornais que tratam do assunto de AVIVAMENTO. Embora muitos crentes desejem uma revivificação, há poucos que entendem a verdadeira significação de um avivamento. A idéia mais comum é de animação e fervor entre os crentes, boa assistência nas igrejas e muitas conversões, de fato dias muito alegres. Um avivamento não pode ser produzido por forças humanas, mas somente pelo poder do Espírito Santo. As palavras «espírito» e «vento» na língua grega são a mesma (pneuma). O Senhor Jesus disse a Nicodemos que o Espírito é como o vento, isto é, invisível, embora seus efeitos sejam visíveis. Todos nós temos visto

os efeitos do Espírito na conversão de pecadores, por exemplo. Mas um avivamento é como um ciclone ou tufão espiritual, que tem um efeito devastador, que transtorna tudo. Para ilustrar o assunto, damos em seguida a tradução do relatório feito por um pastor presbiteriano, Duncan Campbell, dum avivamento na ilha de Lewis, perto da costa ocidental da Escócia. O relatório foi dado durante a Convenção de Keswick, em Julho passado. A igreja nacional da Escócia é presbiteriana. A cidade principal de Lewis é Stornoway. O avivamento começou em uma vila chamada Barvas. Damos em resumo o relatório. É a tradução das palavras do Sr. Duncan Campbell.

RELATÓRIO DO AVIVAMENTO

Em Outubro de 1949 o presbitério da Igreja Livre reuniu-se em Stornoway, para discutir o triste estado espiritual da Igreja em Lewis: o abandono das reuniões pela mocidade e a carência total de conversões. Na paróquia de Barvas alguns crentes começaram a orar a Deus por uma revivificação. Duncan Campbell disse:— «Levo-vos a um celeiro na vila de Barvas onde há homens de joelhos na palha para orar durante a noite toda. Um mês inteiro ajuntaram-se neste celeiro durante três noites cada semana, continuando até quatro ou cinco horas da manhã. Certa manhã três homens ficaram prostrados no chão, mas continuaram em oração até perderem seus sentidos. Na mesma manhã, numa cabana a uma légua distante, duas velhas irmãs, uma de 82 anos de idade, ficaram também prostradas em oração. Estas duas mulheres ficaram tão convictas que Deus mandaria um avivamento que me enviaram um telegrama chamando-me. Eu estava na Ilha de Skye. Respondi que era impossível ir, porque já es-

tava comprometido durante o mês inteiro para pregar numa convenção de moços. Contudo iria depois. As irmãs disseram: «O homem diz isto, mas Deus nos disse que ele virá dentro de quinze dias». E assim foi, porque a convenção não se deu, e cheguei a Barvas dentro de quinze dias. Na primeira reunião nada aconteceu fora de comum. Foi sugerido que tivéssemos uma noite de oração, e trinta homens ficaram até três horas da manhã em oração. Sentimos, então, o poder do Espírito descer sobre nós. Deixamos a casa às três horas da manhã e descobrimos homens e mulheres na estrada procurando Deus. Encontramos três homens, prostrados, clamando a Deus por misericórdia. Havia luzes em todas as casas e ninguém pensava em sono. O Espírito de Deus movia e, quando nos ajuntamos, à tarde, na igreja, o lugar ficou repleto de gente. Ônibus vinham de todos os cantos da Ilha. Quem os convidou? Ninguém sabia. O caminhão do açougueiro trouxe sete homens duma distância de três léguas, e todos os sete se converteram naquela noite.

Reunimo-nos na igreja e falei durante uma hora. Em diversas partes da igreja homens e mulheres estavam chorando; outros caindo e desmaiando. Um jovem caiu debaixo do púlpito, orando: «O' Deus, o inferno é bom demais para mim».

Pronunciei a bênção e o povo saía, mas no último momento um jovem começou a orar e orou durante três quartos de uma hora. O povo voltou. Havia mais gente em redor da igreja do que dentro. Chegaram de toda parte. Vieram de Stornoway, Ness, e de outras paróquias. A reunião continuou até às quatro da manhã.

Saindo da igreja às quatro horas, veio um recado dizendo que o povo havia ajuntado no quartel da polícia,

e estava em grande tristeza. Convidaram-me para ir e orar com eles. Nunca hei de me esquecer da cena que vi. Debaixo do céu estrelado, da lua olhando para nós e os anjos, também acredito, estavam homens e mulheres, pela estrada, clamando a Deus por misericórdia. Sim, o avivamento já chegara.

Durante cinco semanas continuou assim. Em uma igreja, às sete horas da noite, em outra às dez e numa terceira à meia noite. Voltávamos à primeira às três da manhã e para nossas casas às seis, cansados, mas alegres por termo-nos achado no meio do movimento do Espírito Santo. Gastei cinco semanas nesta paróquia, e, então mudamos para outras, onde foram repetidas as mesmas cenas.

(a continuar)

Estudo sobre a Epístola aos Romanos

(CAPITULO VIII)

Nosso capítulo começa com a palavra «portanto». É conclusão ou consequência das verdades ensinadas nos capítulos anteriores.

O capítulo começa com «nenhuma condenação», e termina com «nenhuma separação». Onde? Em Cristo Jesus. (O resto do versículo primeiro não aparece nas melhores traduções.)

O capítulo cinco fala das bênçãos «POR CRISTO». Neste capítulo estamos «EM CRISTO». Isto quer dizer que estamos seguros. «EM» indica posição. O capítulo cinco diz o que temos, o capítulo oito, onde estamos. Noé estava na Arca, seguro, no meio do dilúvio, o juízo de Deus sobre o mundo.

Vs. 3, 4, 5. O que a Lei não podia

efetuar, Cristo fez por nós e em nós. Estando nós em Cristo temos a responsabilidade de não andar na carne, que foi condenada por Ele. A palavra «carne» nas Escrituras é usada, às vezes, em sentido físico, mas aqui se refere à natureza pecaminosa.

Vs. 7 a 13. Há duas forças querendo nos governar ou dominar: a carne e o Espírito Santo. Temos a responsabilidade de obedecer à segunda e negar à primeira. Gálatas 5:19 a 26 nos ensina qual será o resultado de nossa escolha.

Vs. 14 a 25. O Apóstolo introduz uma verdade nestes versículos que é desenvolvida em outras cartas. Somos chamados «filhos» e chamamos «PAI» a Deus. Recebemos os desejos espirituais de «filiação».

Somos também «herdeiros» com Cristo. Ele ganhou por nós a nossa herança que no futuro será glória, mas agora pode incluir sofrimento. Nossa ESPERANÇA faz-nos tratar o sofrimento com desdém, ou sendo por Cristo, como uma honra. A redenção de nosso corpo é nossa esperança. Esta redenção também incluirá toda a criação, que agora geme.

Nestes versículos lemos que a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, operam em nosso favor, operavam no passado e continuam ainda. O resultado, necessariamente, é que «tôdas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que são chamados por seu decreto» (v. 28). «Tôdas as coisas» incluem as desagradáveis como as agradáveis. Não há coisas como acidente ou desastre na vida do crente: TUDO é dirigido por amor, tudo visa a um fim: o bem daqueles que amam a Deus.

Vs. 35 a 39. Não há separação. Estas palavras sublimes precisam mais de meditação do que de explicação.

Modernismo

Há poucas semanas escutamos no rádio o sermão pregado numa das principais igrejas de Londres por um ministro anglicano. Pareceu-nos que este padre, em vez de ler a sua Bíblia antes de subir ao púlpito, estudou um livro «científico» escrito no século passado. Principiou contando-nos nossa genealogia. Um protoplasma boiava no oceano. Mudou-se por evolução em peixe. Levou muito tempo, não há dúvida. Mas este peixe, diferente dos outros que hoje em dia pescamos, não estava satisfeito em seu ambiente aquático. Os outros peixes preferem ficar na água, mas o nosso peixe antepassado era esquisito. Arranjou asas, penas e pernas, e levantou vôo. Mas cansou-se também das viagens aéreas, despiu-se das asas e penas, ou trocou as asas por um par de pernas, e tornou-se animal. O nosso antepassado, porém, era ambicioso e cren-te em evolução. Levou 40 milhões de anos desenvolvendo-se, geração após geração, com perseverança extraordinária, até que chegou a ser homem, como nós. Durante este processo perdemos nossa cauda, mas retivemos alguma coisa dos instintos dos nossos queridos antepassados; como resultado, de vez em quando, queremos morder uns aos outros. No Brasil, já lemos, em alguma parte, deste desenvolvimento extraordinário e milagroso que levou milhões de anos para completar. Ignorávamos, porém, o tempo exato que o processo precisava, até ouvir este sermão. Agora o padre londrino supriu a lacuna em nossa cronologia! São 40.000.000 de anos. É muito tempo, não é? Sempre pensávamos que Deus criou um homem, espírito, alma e corpo, num instante. Parece-nos mais simples.

Mas por que é que êsses «teólogos» modernos, quando sobem ao púlpito, usam os velhos farrapos dos quais os cientistas se despiram há meio século? Êstes arranjaram trajes mais modernos. Será que vossas reverências não repararam que seus auditórios estão diminuindo? O sr. Spurgeon disse uma vez: «Se o crente assistir a um sermão de doutrina falsa, será infelicidade. Se assistir pela segunda vez, será pecado. Se continuar a assistir, será crime.»

Os senhores reverendos não entendem, porque os pregadores do velho Evangelho da Bíblia têm salões cheios. É coisa extraordinária que homens que pregam doutrinas que têm sido repetidas milhares de vezes durante séculos, conseguem atrair o povo.

Os cientistas já perderam a esperança de descobrir o «elo perdido», que deixara a árvore para andar no chão. Os senhores modernistas devem arranjar outra «árvore genealógica» para seus antecedentes. Sabemos que Adão e Eva ou Noé não servem para agradar aos senhores e seus ilustres ouvintes. Não devem ser mencionados perante um auditório moderno, porque traz à memória a doutrina da queda do homem em vez da evolução. Noé faz a gente pensar no juízo vindouro sobre o pecado e é capaz de produzir arrepios.

Agora queremos dizer algo sobre a arqueologia. Os arqueólogos que saíram com a Bíblia, a picareta e a pá, voltam das suas pesquisas, pegam nas suas penas e contam-nos seus descobrimentos. Estão convencidos da verdade das histórias da Bíblia, das quais os modernistas zombavam. Mas agora os arqueólogos estão passando para outro extremo. Admitem os fatos da Bíblia, até os milagres, mas querem explicar êstes acontecimentos como se todos fôs-

sem fenômenos da natureza. É verdade que Deus emprega a natureza para efetuar Sua vontade, mas o Criador do mundo pode também suspender provisoriamente Suas leis para cumprir Seu propósito.

Um novo livro, «WORLDS IN COLLISION», foi publicado no ano passado, por um cientista erudito, o Dr. Imanuel Velikounsky. Nasceu na Rússia, mas estudou nas universidades de cinco países. Levou dez anos em pesquisas em toda parte do mundo para colecionar informações para seu livro. Sua idéia não é a de provar que as histórias da Bíblia são verdade. Ele começa com esta base: as histórias bíblicas são exatas e demonstram a probabilidade dos acontecimentos mais extraordinários. Um dos fenômenos mais controvertidos é a história de Josué, que diz que o sol parou nos céus para deixar Josué completar sua vitória sobre os inimigos. O escritor deste livro primeiramente demonstra que este fenômeno é conhecido em todo o mundo. No México, por exemplo, neste lado do mundo, ele é conhecido. Em alguns lugares era noite e em outros manhã, conforme a posição geográfica do país. Assim temos a história duma noite prolongada em alguns países. Estas são provas que o fenômeno aconteceu. Então o escritor demonstra pela astronomia, que um meteorito de tamanho enorme passou na órbita da terra, modificando o magnetismo polar e, em consequência, a rotação da terra. Segundo os dizeres do autor, parece provável. Mas foi um milagre de Deus, porque Ele planejava tudo na hora precisa. Há outras conclusões que são menos prováveis. Deus pode operar sem qualquer fenômeno. O crente na inspiração da Palavra de Deus aceita tudo que ela fala, se tiver ex-

plicação natural ou não. No princípio deste século os modernistas zombaram da antiga crença nas Escrituras, como ignorância. Os cientistas de hoje estão demonstrando que os modernistas eram ignorantes.

Agora ouvimos sobre as «explicações» dos milagres de Cristo. Consideramos tais explicações como blasfêmias e não queremos sujar nossas páginas com elas.

W. Anglin

Pedras no Caminho

... E era ela muito grande
Marcos 16:1-8 (Marcos 16:4)

Despontava o primeiro dia da semana, quando Maria Madalena e suas companheiras puseram-se a caminho do sepulcro de Jesus. Levavam consigo aromas para perfumarem-Lhe o corpo, pensando ser este o último serviço que Lhe podiam oferecer.

Quais teriam sido os pensamentos e as palavras dessas mulheres, enquanto carinhosamente preparavam a sua última oferta Àquele que tanto amavam?

Com que ansiedade aguardavam o despontar do primeiro dia da semana! Teriam dormido naquela noite de sábado?

Quando o Senhor estava crucificado, elas estiveram ao pé da cruz e presenciaram toda aquela cena que se desenrolara no monte Calvário.

Viram também quando José de Arimatéia levava o corpo do Senhor, depositando-o no seu sepulcro novo, e quando revolveram uma grande pedra para a porta do sepulcro. «E Maria Madalena e Maria mãe de José observavam onde O punham» (Marcos 15:47.)

Agora, nessa madrugada, a caminho do sepulcro, elas recordam esses fatos e se lembram desse grande

obstáculo que as impedirá talvez de ungir o Senhor: — A grande pedra! Esta era tão grande que três mulheres não poderiam removê-la!

Eis que surge esta pergunta: Quem nos revolverá a pedra? Desanimaram-se elas? Pensaram em voltar dali? Não! Antes continuaram seu caminho firmes em seu propósito. Embora não pudessem remover aquela grande pedra, esta não seria tão grande a ponto de demovê-las do seu intento. Elas sabiam que de alguma maneira ela seria removida para dar-lhes passagem ao sepulcro. Que belo exemplo de coragem, de amor, de confiança e de esperança! Se elas tivessem voltado teriam perdido uma grande oportunidade e o privilégio de ser as primeiras a ver o Senhor ressuscitado!

Quantas vezes pensamos em prestar um serviço ao Senhor e nos desanimamos diante da lembrança de uma pedra! E quantas oportunidades temos perdido! E às vezes as pedras que nos impedem de ver e prestar um serviço ao Senhor são tão pequenas e, não raras vezes, imaginárias! Contemplamo-las através da lente do desânimo, do medo, da falta de amor, e elas nos parecem tão grandes! Quantas vezes voltamos do caminho antes de contemplá-las de perto e de tentarmos removê-las! Como Satanás deve ficar contente com essa atitude nossa!

Antes que aquelas mulheres chegassem ao sepulcro, o Senhor Deus já havia ordenado ao anjo a remoção daquela grande pedra e elas o encontraram sentado sobre aquilo que para elas representava um grande obstáculo.

As vezes, ao sairmos de casa para o trabalho do Senhor, lembramo-nos das pedras, mas confiados e firmes continuamos nosso caminho e, ao chegarmos, notamos que as pedras

estavam sendo removidas pelo Senhor, muito antes de sairmos de nossa casa para o trabalho. E quando, ao contrário do que esperávamos, nos deparamos frente a frente com elas, não devemos desanimar-nos, isto prova que o Senhor não as removeu porque temos capacidade e forças suficientes para removê-las por nós mesmos. É o momento de empregarmos as forças de que o Senhor nos revestiu.

Maria Luiza Araujo

Os Judeus ou A Marca de Caim

Caim matou seu irmão inocente. Por isso foi desterrado, mas Deus prometeu vingar a morte de Caim «sete vezes». Os judeus, também, mataram seu Irmão inocente e foram desterrados e feitos vagabundos na face da terra. Durante 19 séculos têm sofrido, mas a vingança de Deus tem caído sobre seus perseguidores, tais como Espanha, Rússia e Alemanha. Terminada a guerra, os judeus esperavam que os dias de perseguição estivessem terminados. Mas suas dificuldades não hão de terminar até que o Messias, que eles crucificaram, fôr coroado Rei.

No fim do ano passado começou outra perseguição em Tcheco-Slováquia, país dominado pela Rússia. Alguns judeus foram executados. Agora começa o mesmo processo na Rússia. Nos tempos do império, havia perseguições terríveis dos judeus, mas a vingança alcançou os perseguidores. Os comunistas professam que não fazem distinção entre as nações e povos sob seus domínios. Mas agora uma nova perseguição começou. Damos um excerto dum recente número dum jornal inglês «THE TIMES». «No fim do ano passado (1952) os acusados foram decla-

rados «agentes do Zionismo e imperialismo» em Tcheco-Slováquia. Era claro que o julgamento em Praga foi apenas um princípio. Satélite nenhum ousa declarar uma nova categoria de suspeitos e acusar os judeus sem autoridade de Moscou (Rússia). Moscou agora tomou o caso de Praga, com vingança. Mais uma vez, um grupo, principalmente de judeus, é acusado de traição, assassinio, etc. Mais uma vez, a organização judaica internacional é acusada de ter inspirado este grupo, em ligação com a América do Norte e a Inglaterra. Nove médicos (judeus) são acusados de terem assassinado dois dos ajudantes principais de Stalin, e de terem procurado a morte de vários generais célebres da Rússia.»

Na Rússia os julgamentos periódicos em massa têm objetivos políticos e não têm nada com a justiça. Todos os acusados são condenados e quase todos confessam-se culpados de crimes impossíveis. Em tempos passados era considerado que as confissões eram feitas para poupar as vidas das famílias dos acusados, as quais eram ameaçadas se não confessassem. Agora é sabido que os acusados são interrogados de dia e de noite até confessarem, afim de terminar o tormento. Os julgamentos são propaganda para terrorizar os russos e impressionar os estrangeiros. Neste caso é capaz de satisfazer os árabes que são inimigos de Israel.

Há dois milhões de judeus na Rússia, mas é proibido qualquer pessoa sair do país. Não podem ir à Palestina como tantos querem.

Há, porém, UMA porta de saída da «Cortina de Ferro», que o governo da Rússia não pode fechar. Está na capital da Alemanha, a cidade de Berlim.

Depois da última guerra, a Alemanha foi dividida em quatro partes

para ser fiscalizadas pelos quatro aliados, Rússia, América, Inglaterra e França, até ser assinado um tratado de paz. A Rússia, que domina na parte leste do país, fez esta província comunista, separando-a do resto da Europa. Ninguém pode entrar ou sair, a não ser pela «porta» mencionada. Berlim está no meio da parte leste da Alemanha dominada pela Rússia, mas a cidade está dividida entre as quatro potências. E' apenas uma rua que separa o Leste do Oeste, mas há livre passagem numa seção da cidade para outra. A dificuldade é que a cidade está cercada por território alemão dominado pelos comunistas.

Os terrenos e propriedades dos alemães no Leste agora estão sendo tirados dos seus donos e feitos em «fazendas coletivas» pertencendo ao governo. O resultado é que milhares de alemães estão fugindo do Leste para o Oeste, abandonando tudo que não podem carregar. Fogem de 1.200 até 1.400 por dia. Nos 28 dias de Fevereiro, 40 mil pessoas deixaram suas casas ou terrenos ou ocupação e entraram na parte oeste de Berlim para a proteção dos aliados. Estes não querem mandá-los para trás, porque seriam enviados para trabalho forçado. Há, porém, duas grandes dificuldades. (1) Não há casas para refugiados na cidade, que foi parcialmente destruída durante a guerra. (2) Os refugiados não podem sair da cidade por terra, nem por estrada de ferro nem por estrada de rodagem, porque seriam presos pelos comunistas que vigiam todas as saídas ou entradas. O resultado é que os americanos, ingleses ou franceses têm de levá-los por avião para outras partes da Alemanha e arranjar abrigo e alimentos para eles. Quando 40 mil pessoas fogem em 28 dias da sua pátria, deixando tudo

atrás que não podem carregar, arriscando suas vidas, sem alvo ou esperança no futuro, julgamos que o comunismo não constitui um paraíso, e não existem ali condições milenais, como alguns comunistas julgam ser na Rússia ou atrás da «Cortina de Ferro».

Mas os judeus moram no interior da Rússia, longe desta «porta». Somente alemães podem fugir pela porta aberta. O governo de Israel tem se queixado da perseguição de seu povo e já retirou seu embaixador de Moscou, não querendo mais relação com a Rússia.

Qual será o futuro? O estudante das Escrituras sabe que haverá um dia no futuro, quando a Rússia (Gog e Magog) invadirá a Terra Santa com vastos exércitos, mas o juízo de Deus cairá sobre eles (Ezequiel 38 e 39). Alguns acham que tudo isto vai acontecer durante a presente dispensação. Outros pensam que será durante os Sete Anos mencionados no Apocalipse.

Correspondência

Pergunta 1. Acêrca da origem do carnaval. Era uma festa pagã celebrada a Baco, deus do vinho, em Roma. Era uma orgia de bebedeiras. Hoje usamos a frase «uma bacanal» quando há muita embriaguez. Terminou o costume quando o cristianismo dominou no quarto século. Mais tarde alguns dos papas restauraram o velho costume, vestido numa capa «cristã». O Papa Paulo II instituiu uma variedade de corridas; o Papa Júlio III introduziu touradas (combates de touros). Outros papas procuraram restringir as orgias. Os costumes estenderam-se a outros países.

Hoje não há carnaval nos países protestantes; limita-se às terras católicas. Alguns católicos escrevem contra a festa, mas a Igreja Católica não tem poder para suprimi-la.

Dizem que os hospitais no Rio, durante os dias de Carnaval, ficam abertos tôda a noite, tratando dos feridos e recebendo os cadáveres dos assassinados.

Pergunta 2. Qual a diferença entre «reverendo» e «reverendíssimo»?

Resposta. «Reverendo» é título dado a padre e «reverendíssimo» dado a bispo. Os títulos foram inventados pela Igreja Católica. São contra o ensino do Senhor, que proibiu a Seus discípulos usar títulos assim, mas mandou-lhes tratar uns aos outros como «irmãos» (Mat. 23:7-8). Citamos num número passado as palavras cáusticas de Spurgeon com referência ao título «reverendo». Seria mais interessante, se tivesse comentado sobre o título absurdo «reverendíssimo». É superlativo do «reverendo», que significa «o que deve ser reverenciado». Por que, não podemos dizer. Julgamos que tal reverência deve ser reservada para Deus. Podemos traduzir uma passagem da Epístola aos Gálatas com esta versão moderna de títulos:

«Chegando o Reverendíssimo Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara (que reverência!), porque era repreensível, porque antes que alguns tivessem chegado da parte do Reverendíssimo Tiago (Bispo de Jerusalém), comia com os gentios, mas depois que chegaram, se foi retirando... Até o Reverendo Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação» (Palavras do Reverendo Paulo de Tarso, Gálatas 2:11 a 13).

EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio
Editor responsável José Ferreira de Andrade